II Congresso Internacional das Ciências Agrárias COINTER - PDVAgro 2017

VIVÊNCIA INTERDISCIPLINAR NA COMUNIDADE DE PEDRA GRANDE-PB

Apresentação: Comunicação Oral

Maria Eduarda Benjamim de Oliveira¹; Izabelita Cirne Beltrão²; Leo Gustavo Coutinho Beltrão³;
Marcos Barros de Medeiros⁴

Resumo

O presente trabalho sintetiza parte das experiências da Residência Agrária no município de Solânea/PB, durante um estágio de vivência realizado por estudantes do curso de bacharelado em agroecologia, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), campus III, Bananeiras/PB. Objetiva descrever parte da vivência do estágio de Residência Agrária do programa do CCHSA Centro de Ciências Humanas Sociais e Agrárias campus III da UFPB. Esse estágio teve como base os projetos de Produção Agroecológica e Gestão de Feiras Agroecológicas e a formação de estudantes do curso de agroecologia envolvendo também o entendimento da concepção do processo saúde, doença e cuidado na utilização da medicina popular. O estudo possibilita também a sistematização do conhecimento das ervas, utilizado pelas agentes de cura, buscando a sua valorização com base na agroecologia. O estágio foi construído coletivamente pelos parceiros do projeto e dividido em 4 etapas: Etapa I – Preparação dos estagiários, Etapa II – Vivência I, Etapa III – Intermediária, Etapa IV – Vivência. O Programa de Residência Agrária contribui para a formação de profissionais qualificados e comprometidos com a sociedade de maneira geral e com os agricultores familiares, fortalecendo a participação e a cidadania da população.

Palavras-Chave: Residência Agrária, Pedagogia da alternância, Medicina popular

Introdução

Para darmos início às atividades realizamos reuniões com os estudantes nas quais foram distribuídas enformes para cada um deles de como seria o envolvimento desses estudantes que iriam participar da residência agrária, e assim com envolvimento dos presidentes das instituições envolvidas, bem como da ONGIFA (Organização não Governamental da Integração da Família). A Residência Agrária buscou proporcionar uma troca de saberes, bem como momentos de interação entre o saber teórico-científico construído na Universidade, o saber popular do povo do campo e as práticas desenvolvidas por eles em seu local de trabalho e vida cotidiana.

Serão relatadas neste trabalho as experiências vivenciadas junto às famílias de Pedra Grande,

¹ Agroecologia, UFPB, eduarda_log@hotmail.com

² Ciências das Religiões, UFPB, izabeltrao@yahoo.com.br

³ Agroecologia, UFPB, leogustavo@gmail.com

⁴ Professor Doutor em entomologia, UFPB, Mbmedeir2016@gmail.com

buscando levar o leitor a entender a realidade atual dos pequenos agricultores familiares.

Os Projetos: produção agroecológica e Gestão de Feiras Agroecológicas, serviram de base para este trabalho, na formação de estudantes do curso de agroecologia promovendo uma formação humanista de estudantes dos cursos de ciências agrárias para atuarem em áreas de reforma agrária e agricultura familiar com ações de pesquisa-ação promovendo o desenvolvimento sustentável de forma crítica e participativa.

Observa-se nessa vivência a importância de compreender o uso de plantas medicinais e as concepções populares sobre o processo saúde-doença-cuidado a fim de contextualizar a utilização de ervas por um grupo social específico. O entendimento do campo da saúde como saberes e práticas que disputam o monopólio do cuidado, acrescido do efeito dessa disputa sobre os pacientes, abre a possibilidade de adoção de diferentes itinerários terapêuticos por parte desses últimos.

Além da contribuição para a formação dos estudantes, o estudo possibilita a sistematização do conhecimento sobre ervas que, atualizado por meio dos “Agentes de Cura”, faz parte da memória popular, inscrevendo-se num contínuo movimento de lembranças e esquecimentos.

Na experiência do estágio de vivência, os universitários passam a morar com a ervadeira em suas comunidades rurais, atendida pelo programa de residência agrária, com cada um dos estudantes em cada comunidade distinta e determinada conforme a resolução do projeto e suas atribuições, que receberam esses estudantes durante duas semanas. Esta fase é caracterizada pela não intervenção na propriedade rural, onde os estagiários que vivenciam a realidade desta comunidade, pode participar das melhorias na forma de trabalho, como desenvolver procedimentos para o trabalho manual, sem intervenção. A experiência nas propriedades rurais permite vivenciar e compreender a realidade da vida no campo de forma que estabelece a troca de conhecimentos sobre seu modo de vida e de cultivo, de maneira que possa contribuir na sua organização econômica, política e social dentro de suas limitações a cada realidade. Esse trabalho tem por objetivo entender a concepção do processo saúde; doença, cuidado, com a utilização da medicina popular, além da contribuição para a formação acadêmica o estudo possibilita a sistematização do conhecimento das ervas, utilizado pelas agentes de cura, buscando a valorização com base na agroecologia

Residência Agrária é uma experiência que prevê a alternância de Tempo/Escola e Tempo/Comunidade baseado nos princípios da Pedagogia da Alternância. A Alternância é uma pedagogia que prioriza a experiência do educando, valorizando os conhecimentos existentes no meio em que ele vive/atua ou vai atuar. Trata-se de um processo formativo contínuo na descontinuidade de atividades e de espaços e tempos, de formação que combinam e articulam períodos de vivência no meio escolar e no meio familiar e/ou comunitário.

Para Teixeira, Bernartt e Trindade (2008) foi um grupo de agricultores franceses

insatisfeitos com o sistema educacional do seu país, que iniciou em 1935 um movimento que culminou no surgimento da pedagogia da alternância, esse grupo dava ênfase a necessidade de uma educação escolar que atendesse às particularidades psicossociais dos jovens e propiciasse, além da profissionalização em atividades agrícolas, elementos para o desenvolvimento social e econômico da sua região. (TEIXEIRA, BERNARTT E TRINDADE, 2008)

A Alternância é uma pedagogia que prioriza a experiência do educando, valorizando os conhecimentos existentes no meio em que ele vive/atua ou vai atuar. Trata-se de um processo formativo contínuo na descontinuidade de atividades e de espaços e tempos, de formação que combina e articula períodos de vivência no meio escolar e no meio familiar/comunidade, alternando a formação agrícola na propriedade/localidades com a formação teórica geral na escola/Faculdade. Seu propósito que alunos do curso possam transmitir conhecimentos adquiridos na área de Ciências Agrárias em áreas de assentamentos, E a partir do conhecimento adquirido na vivência da realidade rural poder formar pessoas conscientes para atuar no setor agrário de modo mais significativo.

O papel do método da alternância tem um diferencial para a relação com tempo escola, para Gowacki et al (2007) a Pedagogia da Alternância e o seu desenvolvimento teve origem e é desenvolvida de acordo com as necessidades da agricultura familiar. Essa dinâmica, que acontece nas Casas Familiares Rurais (CFRs) e nas Escolas Famílias Agrícola (EFAs) é definida por Estevam (2003) como um diferencial para a pequena propriedade. O processo de formação de um estudante de agroecologia com o estágio de vivencia utilizando a metodologia da alternância uma vez que o jovem faz a ligação entre o conhecimento científico e adquirindo e trocando conhecimento popular assim, esse processo da alternância possibilita o contato entre a realidade vivida e o conhecimento científico , despertando o interesse no jovem pelo aprendizado e consequentemente o da família e da comunidade. (ESTEVAM, 2003)

Para Barros et al. (2012) os produção agroecológica e comercialização de produtos da agricultura familiar nos municípios de solânea e bananeiras na paraíba, financiado pelo proext/sesu/mec, vem abrindo espaço para a formação e capacitação de jovens acadêmicos dos cursos de Licenciatura em Ciências Agrárias, Bacharelado em Agroindústria, Administração e Agroecologia no Centro de Ciências Humanas Sociais e Agrárias CCHSA, Campus III da Universidade Federal da Paraíba, inserindo jovens junto ao Programa Residência Agrária. Os profissionais com formação na área de ciências agrárias têm a possibilidade de usufruir de uma vivência de aprendizagem dentro da unidade de produção familiar, acompanhando desde formas, modos e técnicas de plantio voltados para a produção de subsistência de alimentos e manejos diversos. (BARROS et al. 2012)

No caso do estágio vivenciado nessa pesquisa de ensino e aprendizagem, foi possível uma

experiência com produtos voltados para a saúde dos indivíduos. O hábito de recorrer às virtudes curativas de certos vegetais, data das mais antigas civilizações, que cedo se aperceberam da existência, ao lado das plantas com fins alimentares, das plantas com propriedades terapêuticas. O uso de plantas como medicamento esteve muito tempo associado a práticas mágicas, místicas e rituais, marcando um antigo desejo de compreender e utilizar a natureza como recurso terapêutico, nas doenças que afligem o corpo e a alma. Essa associação dificulta a delimitação exata da evolução da arte de cura. (MEDEIROS, MACEDO e ARAÚJO, 2011)

A utilização de plantas no Brasil, não só como alimento, mas também como fonte terapêutica começou desde que os primeiros habitantes chegaram ao Brasil, há cerca de 12 mil anos. Historicamente, quando os Portugueses aqui chegaram, encontraram índios que usavam urucum para pintar e proteger o corpo das picadas de insetos e também para tingir seus objetos cerâmicos. (MEDEIROS, MACEDO e ARAÚJO, 2011)

Entre 1560 a 1580 a partir das observações e anotações do uso frequente de ervas pelos índios, o padre Anchieta detalhou melhor as plantas comestíveis e medicinais no Brasil em suas cartas ao superior geral da companhia de Jesus. Das plantas medicinais, especificamente, Anchieta falou muito em uma “erva boa”, a hortelã- pimenta, que era utilizada pelos índios contra ingestão, para nevralgias e para aliviar nevralgias e para o reumatismo e as doenças nervosas. Apesar das tentativas do padre Anchieta em despertar os portugueses para a diversidade das ervas medicinais brasileiras, este esforço foi em vão. Segundo naturalista Von Marius, eles os “selvagens “conheciam apenas algumas plantas comestíveis e outras para tinturas”. Das ervas medicinais teriam unicamente uma “obscura noção”, quase tudo que se sabe de flora brasileiras e continuamente dos nossos governantes culmina no fato de quase tudo que se sabe da flora brasileira foi descoberto por cientistas estrangeiros, especialmente os naturalistas, que realizaram grandes expedições ao Brasil, desde o descobrimento pelos portugueses até o final do século XIX. (OLIVEIRA, 2015)

Este trabalho é oriundo das experiências vivenciadas em Pedra Grande zona rural de Solânea/PB, e tem como características explanar a realidade vivenciada pelas agricultoras e observar, a partir de um olhar construído no Estágio de Vivência (Residência Agrária) oferecido aos estudantes do curso de agroecologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Campus III, a importância para o estudante em agroecologia de fazer parte dessa integração. As atividades deste trabalho estavam vinculadas aos Projetos: Produção agroecológica e Gestão de Feiras agroecológicas, nos Municípios de Solânea e Bananeiras na Paraíba, desenvolvido por alunos da UFPB em parceria com sindicatos, associações comunitárias de trabalhadores rurais e com a Organização Não Governamental de Integração da Família (ONGIFA) em 2013. Formação de Estudantes e Qualificação, Profissional para a Assistência Técnica e Extensão Rural – Programa de

Residência Agrária.

Fundamentação Teórica

Residência Agrária é uma experiência que prevê a alternância de Tempo/Escola e Tempo/Comunidade baseado nos princípios da Pedagogia da Alternância. A Alternância é uma pedagogia que prioriza a experiência do educando, valorizando os conhecimentos existentes no meio em que ele vive/atua ou vai atuar. Trata-se de um processo formativo contínuo na descontinuidade de atividades e de espaços e tempos, de formação que combinam e articulam períodos de vivência no meio escolar e no meio familiar e/ou comunitário.

Para Teixeira, Bernartt e Trindade (2008) foi um grupo de agricultores franceses insatisfeitos com o sistema educacional do seu país, que iniciou em 1935 um movimento que culminou no surgimento da pedagogia da alternância, esse grupo dava ênfase a necessidade de uma educação escolar que atendesse às particularidades psicossociais dos jovens e propiciasse, além da profissionalização em atividades agrícolas, elementos para o desenvolvimento social e econômico da sua região. (TEIXEIRA, BERNARTT E TRINDADE, 2008)

A Alternância é uma pedagogia que prioriza a experiência do educando, valorizando os conhecimentos existentes no meio em que ele vive/atua ou vai atuar. Trata-se de um processo formativo contínuo na descontinuidade de atividades e de espaços e tempos, de formação que combina e articula períodos de vivência no meio escolar e no meio familiar/comunidade, alternando a formação agrícola na propriedade/localidades com a formação teórica geral na escola/Faculdade. Seu propósito que alunos do curso possam transmitir conhecimentos adquiridos na área de Ciências Agrárias em áreas de assentamentos, E a partir do conhecimento adquirido na vivência da realidade rural poder formar pessoas conscientes para atuar no setor agrário de modo mais significativo.

O papel do método da alternância tem um diferencial para a relação com tempo escola, para Gowacki et al (2007) a Pedagogia da Alternância e o seu desenvolvimento teve origem e é desenvolvida de acordo com as necessidades da agricultura familiar. Essa dinâmica, que acontece nas Casas Familiares Rurais (CFRs) e nas Escolas Famílias Agrícola (EFAs) é definida por Estevam (2003) como um diferencial para a pequena propriedade. O processo de formação de um estudante de agroecologia com o estágio de vivencia utilizando a metodologia da alternância uma vez que o jovem faz a ligação entre o conhecimento científico e adquirindo e trocando conhecimento popular assim, esse processo da alternância possibilita o contato entre a realidade vivida e o conhecimento científico. despertando o interesse no jovem pelo aprendizado e consequentemente o da família e da comunidade. (ESTEVAM, 2003)

Para Barros et al. (2012) os produção agroecológica e comercialização de produtos da

agricultura familiar nos municípios de solânea e bananeiras na paraíba, financiado pelo proext/sesu/mec, vem abrindo espaço para a formação e capacitação de jovens acadêmicos dos cursos de Licenciatura em Ciências Agrárias, Bacharelado em Agroindústria, Administração e Agroecologia no Centro de Ciências Humanas Sociais e Agrárias CCHSA, Campus III da Universidade Federal da Paraíba, inserindo jovens junto ao Programa Residência Agrária. Os profissionais com formação na área de ciências agrárias têm a possibilidade de usufruir de uma vivência de aprendizagem dentro da unidade de produção familiar, acompanhando desde formas, modos e técnicas de plantio voltados para a produção de subsistência de alimentos e manejos diversos. (BARROS et al. 2012)

No caso do estágio vivenciado nessa pesquisa de ensino e aprendizagem, foi possível uma experiência com produtos voltados para a saúde dos indivíduos. O hábito de recorrer às virtudes curativas de certos vegetais, data das mais antigas civilizações, que cedo se aperceberam da existência, ao lado das plantas com fins alimentares, das plantas com propriedades terapêuticas. O uso de plantas como medicamento esteve muito tempo associado a práticas mágicas, místicas e rituais, marcando um antigo desejo de compreender e utilizar a natureza como recurso terapêutico, nas doenças que afligem o corpo e a alma. Essa associação dificulta a delimitação exata da evolução da arte de cura. (MEDEIROS, MACEDO e ARAÚJO, 2011)

A utilização de plantas no Brasil, não só como alimento, mas também como fonte terapêutica começou desde que os primeiros habitantes chegaram ao Brasil, há cerca de 12 mil anos. Historicamente, quando os Portugueses aqui chegaram, encontraram índios que usavam urucum para pintar e proteger o corpo das picadas de insetos e também para tingir seus objetos cerâmicos. (MEDEIROS, MACEDO e ARAÚJO, 2011)

Entre 1560 a 1580 a partir das observações e anotações do uso frequente de ervas pelos índios, o padre Anchieta detalhou melhor as plantas comestíveis e medicinais no Brasil em suas cartas ao superior geral da companhia de Jesus. Das plantas medicinais, especificamente, Anchieta falou muito em uma “erva boa”, a hortelã- pimenta, que era utilizada pelos índios contra ingestão, para nevralgias e para aliviar nevralgias e para o reumatismo e as doenças nervosas. Apesar das tentativas do padre Anchieta em despertar os portugueses para a diversidade das ervas medicinais brasileiras, este esforço foi em vão. Segundo naturalista Von Marius, eles os “selvagens “conheciam apenas algumas plantas comestíveis e outras para tinturas”. Das ervas medicinais teriam unicamente uma “obscura noção”, quase tudo que se sabe de flora brasileiras e continuamente dos nossos governantes culmina no fato de quase tudo que se sabe da flora brasileira foi descoberto por cientistas estrangeiros, especialmente os naturalistas, que realizaram grandes expedições ao Brasil, desde o descobrimento pelos portugueses até o final do século XIX. (OLIVEIRA, 2015)

Este trabalho é oriundo das experiências vivenciadas em Pedra Grande zona rural de Solânea/PB, e tem como características explicar a realidade vivenciada pelas agricultoras e observar, a partir de um olhar construído no Estágio de Vivência (Residência Agrária) oferecido aos estudantes do curso de agroecologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Campus III, a importância para o estudante em agroecologia de fazer parte dessa integração. As atividades deste trabalho estavam vinculadas aos Projetos: Produção agroecológica e Gestão de Feiras agroecológicas, nos Municípios de Solânea e Bananeiras na Paraíba, desenvolvido por alunos da UFPB em parceria com sindicatos, associações comunitárias de trabalhadores rurais e com a Organização Não Governamental de Integração da Família (ONGIFA) em 2013. Formação de Estudantes e Qualificação, Profissional para a Assistência Técnica e Extensão Rural – Programa de Residência Agrária

.Metodologia

A pesquisa é enquadrada no enfoque qualitativo e classificada nos níveis descritivo, de campo e bibliográfico. Foi realizado um roteiro de diagnósticos participativo com a finalidade de colher experiência Pedra Grande.

O presente trabalho foi realizado no âmbito dos projetos de Estágio de Vivência da Residência Agrária, Produção Agroecológica e Gestão de Feiras Agroecológicas, nos Municípios de Solânea na Paraíba, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). As comunidades acompanhadas foram: Saco dos Campos, Salgados, Jacaré, Pedra Grande. Gruta de Santa Tereza, Chã de Solânea.

Os costumes culturais da gruta “Pedra Grande” são peculiares e locais, típicos paraibanos, nordestinos, com sotaques nordestinos são pessoas humildes e ricas por sua nobreza, e honestidade, são bem religiosos, a família da vivência é católica frequente terços nas quartas e missa aos domingos, frequentemente celebrada uma vez por mês. Na comunidade as mulheres exercem um trabalho de arredores de casa, trabalhando com farmácia viva, artesanatos e feiras. Pedra Grande situa-se em um dos principais municípios do Brejo Paraibano município no estado da Paraíba (Brasil), localizado na microrregião do Curimataú Oriental. De acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), no ano de 2010 sua população era estimada em 26.693 habitantes. O sistema urbano Solânea-Bananeiras possui peso demográfico e geopolítico/geoeconômico similar ao de Guarabira. Clima tropical com estação seca. Existem mais de cinquenta famílias, o nome Pedra Grande está relacionado á grande pedra que existe.

Durante o período de acompanhamento e apoio técnico foram feitas reuniões a respeito das atividades que seriam realizadas na propriedade na qual foi estabelecida a melhor forma de intervir junto a cada família atendida pelo programa de residência agrária. Essas reuniões foram realizadas

dentro das dependências da ONGIFA e da UFPB nas quais se encontravam presentes todos os integrantes das feiras agroecológicas do município de Solânea e Bananeiras, ambos paraibanos.

Foram promovidos diálogos por meio de reuniões com os professores, nos quais os estudantes obtinham orientações acerca da atuação favorecendo o desempenho para realização da vivência sendo divididas em quatro etapas:

- Etapa I – Preparação dos estagiários, com duração de 2 dias, onde foram ministradas aulas e palestras, místicas, realizadas oficinas e visitas em agricultor experimentador objetivando preparar teórica e praticamente os estagiários para a fase de Vivência;
- Etapa II – Vivência I, com duração de 1 dia, em que os estagiários permaneceram nas comunidades com o objetivo principal de conhecer e interagir com as pessoas, estreitando o relacionamento estagiário- comunidade. Os integrantes ficaram alojados nas residências dos agricultores assentados, destinados a vivência;
- Etapa III – Intermediária, com duração de 2 dias, em que foi feita a avaliação parcial do estágio e foram realizadas oficinas de técnicas de Planejamento Participativo e Diagnóstico Rápido Participativo (DRPS); croqui da propriedade;
- Etapa IV – Vivência II – com duração de 15 dias, na qual os estagiários voltaram às comunidades com o intuito de confeccionar os diagnósticos participativos da realidade local e de potenciais parceiros das comunidades;

Resultados e Discussão

O Programa Residência Agrária (PRA) surgiu como uma iniciativa do PRONERA, suas ações se desenvolvem no âmbito das políticas públicas de educação do campo de das políticas públicas, essas ações são executadas pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). A formação profissional idealizada para o Residência Agrária foi concebida considerando-se a materialidade do trabalho nas áreas de Reforma Agrária e Agricultura Familiar, a partir dos desafios completos que a escolha política e ideológica para a construção de um modelo de desenvolvimento rural diferente do hegemônico (principalmente das consequências sociais e ambientais que produz) coloca para a execução de políticas públicas (Esmeraldo, 2009, p. 17). De acordo com Esmeraldo (2009), o principal objetivo desse programa é criar novas estratégias de formação para estudantes e profissionais das Ciências Agrárias, preparando-os para uma atuação capaz de compreender as necessidades e ver a realidade e as necessidades da comunidade e a especificidades dos processos de produção e de promoção do desenvolvimento rural no âmbito da reforma agrária e da agricultura familiar. (ESMERALDO, 2009)

- Etapa I: A fase preparatória

Primeiramente aconteceram orientações por meio de reuniões com os professores, coordenadores e alunos no campus III da Universidade Federal da Paraíba. Esta reunião teve a finalidade de aprimorar as técnicas e desenvolvimento dos métodos de coleta e observação da realidade que iriam ser vivenciadas pelos estudantes. A realização das atividades iniciava a partir de um dia de campo, e teria o enfoque no desenvolvimento de práticas voltadas para sustentabilidade da família.

Nessa oportunidade foram feitas discussões de alguns temas abordados, como por exemplo, a importância da agricultura familiar, a agroecologia, métodos de produção e comercialização, farmácia viva, trabalho das mulheres, entre outros. Foram realizadas também atividades para buscar meios de convivência que não pudessem atrapalhar a rotina normal da família, facilitando o acolhimento pelos agricultores. De início os estagiários foram divididos de forma que se deslocassem para cada comunidade familiar onde aconteceria a Residência Agrária.

A residência agrária é de grande importância na vida acadêmica do profissional de Ciências agroecologia, pois possibilita o contato com as práticas realizadas cotidianamente na vivência das famílias dos agricultores. (JESUS, 2011).

- Etapa II: Vivência I na comunidade

Etapa II – Vivência I, com duração de 1 dia, em que os estagiários permaneceram nas comunidades com o objetivo principal de conhecer e interagir com as pessoas, estreitando o relacionamento estagiário-comunidade. Os integrantes ficaram alojados nas residências dos agricultores assentados, destinados aos estagiários; Nesta fase aconteceram trocas de saberes e experiências entre os agricultores e os estagiários destinados a conhecer a propriedade.

- Etapa III: A fase intermediária

Essa experiência tem grande importância, tanto para Agricultura Familiar, valorização de trabalho com plantas medicinais, quanto para a formação profissional. Os estudantes em formação profissional na área de agroecologia têm a possibilidade de participar de uma vivência inédita em suas vidas dentro da unidade de produção familiar, acolhimento como membro da família acompanhando o desenvolvimento das técnicas de plantio relacionadas para a produção de subsistência de alimentos, conhecimento da farmácia viva e sobre as ervas medicamentosas, preparo de medicamentos, procedimentos básicos de manejo com animais pequenos ruminantes como bovinos e aves animais rústicamente adaptados à convivência com o homem do campo no semiárido paraibano.

Os profissionais que se submetem a essa vivência tornando-se uma experiência importante que serve não só para um aperfeiçoamento profissional, mas contribui significativamente para a

formação humana do profissional, compreendendo os valores da vida, realidade e prática, destacando o modo de produção agroecológica com suas formas e técnicas e seu vasto conhecimento popular, esses jovens tiveram a oportunidade de conhecer diversidade de plantas medicinais, como é seu cultivo, identificação das ervas.

Para Guzmán Casado et al (2000 p.81) A prática agroecológica tem contribuído na constituição do corpus teórico e metodológico sendo definida como aplicação dos princípios e conceitos da ecologia no manejo e desenho de agroecossistemas mais sustentáveis. Isso defende uma nova “revolução modernizadora”. Este processo tem como linha de pesquisa: " conhecimento local, incorporando o saber popular e buscando integrá-lo com o conhecimento científico, para dar lugar à construção e expansão de novos saberes socioambientais, com resultado no processo de transição agroecológica.

Assim como os saberes populares em saúde. Devemos buscar sempre aprender e sempre ensinar mais. Muitos problemas de saúde podem ser prevenidos e tratados em casa pelas pessoas, quando essas recebem instruções simples e claras. Então, se queremos ver nossa comunidade saudável, não devemos guardar segredos sobre o que aprendemos, mas sim pensar em maneiras de divulgar as informações. A comunidade poderá assim participar ativamente da construção de sua própria e duradoura saúde. A palavra “higiene”, de origem grega, significa “arte de viver”. Ela significa que devemos combater não apenas a enfermidade (sintomas, mal-estar, resposta de defesa do corpo), mas sim as causas (os maus tratos que causamos a nós mesmos, a forma de vida inadequada). O tratamento dos sintomas é apenas uma forma de continuar maltratando nossos corpos, que já estão cansados. O ato de cuidar vai além de preparar e oferecer medicamentos. Primeiramente, o cuidado deve acontecer independentemente da presença de doenças. Tendo um Setor de Saúde cada vez mais forte e organizado, nossa comunidade deve ter cada vez menos doenças, que é bem diferente de ter cada vez mais medicamentos. Além disso, as pessoas doentes necessitam mais de atenção, carinho e compreensão do que de medicamentos. Não adianta fazermos um chá para o doente e depois nem voltarmos para saber se fez ou não fez efeito. Então precisamos acompanhar todo o tratamento, até a cura.

O trabalho com farmácia viva, tem um papel importante na comunidade para atender pessoas da própria comunidade e de outras cidades, assim Dona Isabel por meio de sua experiência de agricultora experimentadora leva para mulheres ervas e medicamentos para tratamentos do corpo e do espírito.

- Etapa IV: Vivência II

A fase de convivência com os agricultores foi realizada entre o período de 15 dias (setembro/outubro de 2013), na qual foram realizadas as observações pertinentes para a pesquisa.

As informações sobre a propriedade e cultivo foram coletadas através de questionários aplicados junto à família acolhedora, através da observação pode-se conhecer seus métodos e ao mesmo tempo em que trocamos costumes sem interferir na realidade de cada família. Esta experiência proporcionou um conflito de realidades por perceber práticas de agricultura sustentáveis.

As informações foram obtidas através do diálogo e foi realizado um diagnóstico com o propósito de desenvolver estudos para o entendimento de como acontece a organização e estrutural da família. O acompanhamento das atividades foi realizado através da vivência em Pedra Grande, na propriedade de “Seu José” que exercia atividade na roça com cultivos, acompanhado de sua esposa e seus três filhos, todos agricultores familiares. A esposa de “Seu” José a “Dona” Isabel agricultora, trabalha nos arredores de casa, com a Farmácia viva, em sua propriedade encontra-se uma diversidade de ervas que de acordo com relatos da mesma tem mais de 300 espécies, sua paixão e conhecimento popular, veio por meio de encontros das mulheres no sindicato e participação na (ONGIFA), trabalho com as freiras e padres aprendendo conhecimentos e trocas de experiências com outras mulheres que trabalham com fitoterápicos. Sempre na luta pelo o empoderamento da mulher, “Dona” Isabel sofria com a cobrança e não aceitação do parceiro com seu emprego de “agente de cura”, com sua tripla jornada, ela mulher guerreira acordava cedo para cuidar da casa, cultivo, reuniões no sindicato, programa de rádio, onde tratava a saúde da mulher, trabalhos de preparos com medicamentos e presença na igreja. Assim tentei acompanhar sua rotina e luta. Conhecida como “doutora” está sempre pronta para auxiliar a comunidade.

Conclusões

Essa experiência proporcionou grande importância, tanto para Agricultura Familiar, quanto para a formação profissional dos estudantes que participaram do projeto de Residência Agrária. Nesse projeto baseado na pedagogia da alternância os estudantes em formação profissional na área de ciências agrárias têm a possibilidade de participar de uma vivência inédita em suas vidas dentro da unidade de produção familiar, contribuindo para sua vida profissional e pessoal, acompanhando como membro da família, participando do desenvolvimento das técnicas de plantio relacionadas para a produção de subsistência de alimentos e trabalho com farmácia viva, também técnicas e procedimentos com medicamentos naturais e caseiros com ervas, mostrando que mesmo com os avanços dos medicamentos sintéticos, os medicamentos fitoterápicos seu espaço na comunidade.

Destacando o modo de produção do agricultor familiar com suas formas e técnicas e seu vasto conhecimento empírico, esses jovens tiveram a oportunidade de vivenciar o cultivo, procedimentos de tratos culturais, colheita, beneficiamento e até a comercialização dos produtos oriundos da produção.

Este programa representa uma proposta inovadora de formação profissional nos cursos agrários, na medida em que se consegue atrelar a teoria à prática, o saber profissional ao saber popular.

A experiência possibilitou o fortalecimento da relação com os agricultores entre estagiário e comunidade. Permitiu aprofundar e ampliar a visão crítica frente à realidade social em que vivem os agricultores familiares, o conhecimento popular, a identificação de ervas e preparo de medicamentos caseiros. Possibilitou amadurecimento profissional no trato com os agricultores e outros parceiros, fortalecimento de convicções políticas democráticas e de grande responsabilidade social. Assumindo uma postura dialógica entre os diferentes atores sociais, acenando para uma maior equidade das forças sociais atuantes no processo de tomada de decisão, o que pode levar a um amadurecimento das relações democráticas. Aprendizagem de novas formas de manejo dos recursos naturais que possam levar a um maior equilíbrio ecológico e produtivo. Destacando o modo de produção do agricultor familiar com suas formas e técnicas e seu vasto conhecimento popular, esses jovens tiveram a oportunidade de vivenciar o cultivo, procedimentos de tratamentos culturais, colheita, beneficiamento e até a comercialização dos produtos oriundos da produção.

Este programa representa uma proposta inovadora de formação profissional nos cursos agrários, na medida em que se consegue atrelar a teoria à prática, o saber profissional ao saber popular.

Referências

BARROS, A. P.; LIMA, A. S.; MEDEIROS, M. B.; OLIVEIRA, M. E. B.; SOUZA, W. U. P. Estágio De Vivência- Residência Agrária. Centro de Ciências Humanas Sociais e Agrárias/Departamento de Agropecuária/PROEXT 2012.

ESMERALDO, G. G. S. L. et al. Programa Residência Agrária Nordeste I: a força de uma experiência. In: MOLINA, Mônica Castagna. Educação do Campo e formação profissional: a experiência do Programa Residência Agrária. Brasília: MDA, 2009.

ESTEVAM, D. O. Casa Familiar Rural: a formação como base da Pedagogia da Alternância. Florianópolis: Insular, 2003

GUZMÁN C. G.; GONZÁLEZ M., M.; SEVILLA G., E. (Coord.). Introducción a la agroecología como desarrollo rural sostenible. Madrid: Ediciones Mundi-Prensa, 2000.

JESUS, M. M. H. A família no programa residência agrária a visão dos atores da universidade federal do Ceará. Viçosa: Minas Gerais, 2011.

MEDEIROS, M. B.; MACEDO, G.; ARAÚJO, L.F. Caderno de licenciatura em Ciências Agrárias Plantas Medicinais. Bananeiras: Editora Universitária – UFPB, 2011.

MEDEIROS, M. B.; MACEDO, G.; ARAÚJO, L.F. Caderno de licenciatura em Ciências Agrárias Educação do Campo e Movimentos Sociais. Bananeiras: Editora Universitária – UFPB, 2011.

TEIXEIRA, E. S.; BERNARTT, M. L. TRINDADE, G. A. Estudos sobre Pedagogia da Alternância no Brasil: revisão de literatura e perspectivas para a pesquisa. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.34, n.2, p. 227-242, maio/ago. 2008